

DEBATE (O)

Lisboa

39-6. DEZ. 1958

DEMOCRACIA DO SUL

Évora

MUNDO DESPORTIVO

Lisboa

INTEGRALISMO - 1914

A PROPÓSITO DA MORTE DE FERNANDO CAMPOS

NA Primavera de 1914 já Antonio Sardinha, recém-casado, se encontrava em Lisboa onde residia com a família na Rua dos Prazeres, 37, à Praça das Flores.

Logo depois de jantar, todas as noites era certo, saía de casa e baixava a S. Bento para lá tomar o eléctrico que o conduzia, Kato acima e Avenida abaixo, até ao velho Café Martinho a par do Rossio, espécie de capital da capital, cujas tradições literárias do Século XIX se haviam conservado intactas depois do advento da Republica, mas acrescidas nessa altura daquela pouco saudável eferescencia dialectica chamada verborreia — produto intiamavel, ou melhor inflamativo que a aragem da Revolução ainda soprava adrede de toda a banda por sobre as cinzas mal extintas de um rescaldo de incêndio.

Sardinha entrava sempre pela coxia do centro, apertava aqui e ali algumas moos que se lhe estendiam, simpatizantes, e já sentar-se, por hábito mais do que por escolha, do lado direito lá ao fundo para que o café — dizia ele — não arrefecesse demasiado pelo caminho... O lugar estava-lhe de costume reservado de antemão por um ou outro discípulo, atento e pressuroso, não fosse acaso qualquer importuno zoiló profanar o cenáculo habitual com a sua indesejável presença.

Esses discípulos que aumentavam de dia para dia, quase todos eles escolares, pouco mais novos eram do que o Mestre que se formara em Coimbra no Verão de 1911, com os seus 23 ou 24 anos pletóricos de mocidade, de saúde e de entusiasmo.

No meio da atenção geral e do crescente interesse de quantos lhe rodeavam a mesa, António Sardinha reafirmava a necessidade, perante o desregramento completo das ideias e dos sentimentos, de um permanente esforço de rectificação mental que alvasse as gerações novas de se verem atraídas, sem consciência do pe-

rigo, pelo vórtice de loucura instalado na governação e na administração do Estado republicano. Também ele se deixara de principio seduzir

Por

ALBERTO DE MONSARAZ

por tentadoras sercias da propaganda e atribuir a Realeza a responsabilidade da centralização absurda que estiolava toda a vida municipalista, quando o Rei, privado do exercicio de reinar pelos partidos e as facções, fora a primeira vítima de um sistema político anti-natural e anti-humano por ser atentatorio daquelas liberdades essenciais que Deus outorga aos homens a fim de que eles, com actos proprios, afirmem seus méritos perante o tribunal do Juízo Divino.

O Monarca, ao alto, deve manter-se liberto, independente, á cabeça do governo para que, em baixo, possam os subditos espontaneamente obedecer sem atriros, nem constrangimentos, nem pavor. A Pátria achava-se doente á mingua do equilibrio institucional em que, no decurso da História, se formara e se engrandecera.

E, abrindo então, ao acaso, os jornais do dia, passava a glosar os actos da doutrina, em confronto com os factos, sublinhando sucessos, verificando impotências e anomalias; mas abstendo-se, quanto possivel, de citar nomes, de criticar pessoas, de apontar responsabilidades. E' que os agentes da autoridade eram apenas, embora sem darem por tal, os inevitáveis prisioneiros da viciosa engrenagem politica que serviam. Tornava-se urgente libertá-los quanto antes ao restaurar-se, intacta, a autoridade da Coroa, sem a qual nunca se poderia restabelecer no seus quadros naturais e na sua pureza histórica esse equilibrio da saúde publica que ia faltando pouco a pouco no

organismo inrectado e progressivamente corroído da Nação.

Não era ele so quem o dizia, não fora ele apenas quem o observara. Quando o tornado liberalista irrompeu de subito, despedaçando as sólidas comportas da Tradição, havia uns escassos 70 anos, a geração ascendente vacilara, apaixonada por esses falsos principios de aparência generosa que vinham assim desconjuntar os antigos moldes da administração publica.

Alguns espiritos mais lucidos permaneceram-lhes fiéis e até mesmo dos que não conseguiram resistir inteiramente á levada catástrofica, foram-se outros aos poucos aperecebendo, quando eram probos e cultos, desses erros impulsivos de visionários, desses pecados de transigência ideológica, dessa deplorável fraqueza moral.

Os ouvintes, ás vezes, faziam-lhe perguntas, esboçavam duvidas, a que Sardinha logo vitoriosamente contestava com uma tal copia de argumentos comprovativos, de citações, de analogias, de anedotas históricas, que a réplica tornava-se difficil, se não

(Continua na pág. 11)

INTEGRALISMO - 1914

(Continuado da 1.ª pág.)

de todo em todo impossível ou ineficaz.

Eram esses moços, por então, simples estudantes anônimos de Direito, de Medicina, de Ciências, de Engenharia...

Só bastante mais tarde, já formados, é que certos dentre eles, mercê dos saltos de vento da política e de convidativas circunstâncias revolucionárias, se foram alçando no exercício dos altos cargos públicos — onde, aliás, sempre tentaram honrar, dentro de um condicionalismo republicano que logo tudo tornava, se não inoplicável, inoperante — a insigne memória do querido Mestre desaparecido, morto na flor da idade, mas cuja ideologia sobrevive ainda perenemente viçosa, a tantas mutilações ou deformações caricaturais.

Entre esses numerosos escolares, neófitos e aprendizes, avultavam pelo seu vivo interesse e pela sua devoção incondicional é nova doutrina, dois jovens comerciantes de Lisboa, ambos auto-didactas, ambos estudiosos e escritores, que surgiam, assim, como verdadeiras excepções de claro entendimento dentro da sua classe, tão vermelhusca sempre na desenvoltura e tão fanática: Pastor de Macedo, o biógrafo esclarecido do capital, que tem sabido conhecê-la, amá-la, devotar-se-lhe como ninguém, e Fernando Campos, recentemente extinto, a quem no âmbito das suas predilecções políticas e literárias, a Escola ideológica do Integralismo Lusitano alguns bem assinados serviços ficou devendo.

Ao longo da sua vida e da sua obra, sempre ele diligenciou aproximar o presente do passado, procurando descobrir e revelar o elo de pensamento que prendia esses jovens mestres desinteressados a outros mestres de tendências intelectuais aparentemente distintas e até antagónicas; mas que no fundo, pelo amor da Pátria e pelo culto da Verdade, reconheceram a tempo a evidência das suas culpas e tentaram, no crepusculo dos anos, penitenciar-se.

Desde os nossos clássicos de ciências políticas, que tanto ajudam a diferenciar-nos de escolas estrangeiras afins: um Gama e Castro, um Faustino de Madre Deus, um Ribeiro Saraiva e, sobretudo, um Fortunato de S. Boaventura e um Acurcio das Neves até uns tantos proceres desiludidos do Liberalismo, a todos Fernando Campos criteriosamente se refere analisando-os, redescobrimo-os, enaltecendo-lhes as faculdades e as virtudes.

Citações de escritores dos mais antigos publica-as ele em «Os Nossos Mestres» a par de numerosos extractos dos seus contemporâneos, revelando assim que o pensamento e a sensibilidade de uns e de outros eram fundamentalmente semelhantes sobre inumeros assuntos e conceitos

que à primeira vista pareceriam inaproximáveis e irreductíveis a um mesmo denominador comum.

Aquele trabalho metódico, honesto, proficiente, contribuiu sem dúvida para melhor coordenar e impor vários princípios eternos que uma análise superficial de distintas épocas poderia ser levada a considerar como essencial e substancialmente incompatíveis.

E a esses princípios eternos que presidem a partir da sua origem quase milenária á organica da soberania e da administração do Povo e do Estado — corpo visível da Nação em permanente devir — prestou Fernando Campos alguns serviços de unificação e de consolidação verdadeiramente exemplares.

Tantas páginas e períodos de criação intuitiva e de afirmação intelectual onde grandes escritores portugueses, em transe de inspiração, prestaram homenagem á Verdade, foram piedosamente recolhidos pelo sereno juizo do critico e do investigador, sempre atento, e justo, e consciencioso.

O Desengano de Garrett. A Desilusão de Herculano. A Descrença de Soriano. O Pessimismo de Oliveira Martins. A Penitência de Ramalho. A Ironia de Eça de Queirós. O testemunho de Antero. A Contribuição de Fialho e «tutti quanti»...

E' como se os tivesse ouvido a todos eles de confissão, para que a História, ao inclinar-se sobre as suas almas, ali vivas ainda nesses textos, os pudesse sentir e apreciar com mais exactidão e também, com mais justiça, os absolver.

*

Quando Hipólito Raposo foi a enterrar, recoberto o caixão com a bandeira branca do Integralismo Lusitano, esquadrelada por uma grande

Cruz de Cristo, sobre o centro da qual avultava o Pelicano simbólico, Fernando Campos, compungido, aproximou-se de mim e fez-me então prometer que se eu acaso lhe sobrevivesse, facultaria também o estandarte impoluto do Movimento da nossa Juventude para o envolver e o abraçar durante as suas ultimas horas de corpo presente á luz do Sol de Portugal. E quando acontecia reencontrarmo-nos algures, sempre de novo tinha ensejo de recordar-me a velha promessa ambicionada e quase exigida em tão dramático momento. Era uma autêntica obsessão.

Há muitos meses que não nos tornáramos a ver. Nem sequer sabia que ele estava doente, de uma bem conhecida doença irremovível e, a curto prazo, implacavelmente fatal.

Certo dia, porém, de manhã cedo, muito cedo, uma criada novíça em casa bate-me insistentemente, insolitamente á porta do quarto. Desperto estremunhado e ouço, atônito, o seguinte: «Acabam de telefonar... Não consegui perceber bem... Que é o seu velho amigo Campos. Lembra-lhe a bandeira, pede-lhe a bandeira».

Foi precisamente assim, por essa forma incrível e abrupta, que me chegou naquela triste madrugada de Setembro a noticia inesperada da sua perda.

E, sob a bandeira famosa do Integralismo Lusitano, recoberta em parte pelo pavilhão, azul ferrete de Olivença, a captiva, por cuja imprescriptível redenção o Integralismo o ensinara e o exortara a batalhar, é que ele, esse biógrafo e historiador, tão consciencioso publicista como bom português, lá transpôs a porta da sua ultima moradia, da sua poucada de descanso eterno na cidade dos mortos.